

Maria do Carmo Mendes

Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas,  
Universidade do Minho  
Portugal  
mcpinheiro@elach.uminho.pt  
ORCID: 0000-0002-4558-7146

Os problemas ambientais provocados por ação humana têm conhecido um ostensivo agravamento nas últimas décadas.

O aquecimento global, a poluição dos oceanos e as crises hídricas não representavam, até há algumas décadas, inquietações profundas nas literaturas africanas. Defendia William Slaymaker no princípio do século XXI que “global ecocritical responses to what is happening to the earth have had an almost imperceptible African echo” (2001: 138).

Tal situação tem vindo a ser literariamente revertida em obras literárias de escritores africanos. O *corpus* textual dedicado a questões ambientais permite já iniciar um futuro cânone de literatura ecocrítica em África, entendendo esta expressão não como textos literários escritos por autores não africanos – visões exógenas, portanto – mas como ficções construídas por escritores moçambicanos, angolanos, sul-africanos ou nigerianos, para considerar tão só alguns exemplos.

A tendência antropocêntrica – ou seja, focalizada na visão humana da Natureza – dá lugar, neste dossiê, a uma focalização ecocêntrica representada num escritor angolano e numa escritora nigeriana.

Os textos literários africanos aqui apresentados procuram capturar vozes silenciadas e ecoam seres desamparados. Encontram na natureza possibilidades de vida exclamativa; ensinam “a sempre oculta coisa: a vida”, na expressão do poeta brasileiro Vicente Cecim. Convocam rumores de animais, de plantas. Rumores e vozes de ventos, de florestas e de águas mais antigos do que o ser humano.

Já no que respeita à literatura portuguesa, parece evidente que nela existe uma longa tradição de “*nature writing*”. O mesmo não pode, todavia, afirmar-se sobre obras literárias dedicadas a problemas ambientais. O seu número é ainda pouco significativo, tornando por isso mais relevante uma atenção a obras que se empenham em denunciar a interferência negativa do humano nos

ecossistemas terrestres e em sinalizar o sentido de “precaridade ecológica”, tal como a expressão foi definida por Pramod Nayar (2021): the precarious lives that humans lead in the process and event of ecological disaster, and the increasing precarious state of the environment itself as a result of human interventions – in contemporary literary-cultural texts”.

É também dessa precaridade ecológica – ecoando precaridades éticas – que dão conta textos literários de José Saramago, refletindo sobre transformações impiedosas de modos tradicionais de vida ou acerca das consequências de um afastamento completo da Natureza.

A evolução da Ecocrítica, não deixando de ser focada nos Estudos Literários, tem-se expandido a outras manifestações culturais, como a pintura, a música e o cinema. O dossiê aqui apresentado registra também esses percursos da Ecocrítica que a colocam em diálogo com outras expressões artísticas.

O primeiro ensaio, “Lupis e Jacalupis: Pepetela em *topoi* agônicos”, da autoria de Isabel Ponce de Leão, revela que a aparente simplicidade da fábula do escritor angolano Pepetela, *A Montanha da Água Lilás*, é uma alegoria político-social que permite uma leitura segundo os pressupostos da Ecocrítica. O ensaio problematiza a denúncia de exploração desenfreada de um recurso precioso, a África, e os conflitos que a avidez suscita.

O ensaio de Sofia de Melo Araújo, “Birthplace Revisited – a look at Humanity in Nnedi Okorafor”, prova que o continente africano é um espaço profícuo de escritas e reescritas da História humana. A obra da escritora estadunidense de ascendência nigeriana Nnedi Okorafor, é um exemplo paradigmático de ficção contemporânea que mergulha nos conceitos de escrita pós-colonial e pós-futurista africanas.

O terceiro ensaio do dossiê, “Environmental crisis in José Saramago’s fiction”, de Maria do Carmo Mendes, comenta as posições do escritor português sobre crises ambientais, num contexto, o da Literatura Portuguesa Contemporânea, onde tais questões não têm ainda merecido atenção literária exaustiva. O romance saramaguiano *A Caverna* é analisado como um exemplo de denúncia de atentados ambientais e de conflitualidade entre o Homem e a Natureza.

Integra ainda este dossiê dedicado à Ecocrítica o ensaio de Teresa dos Santos Coelho, “Cante alentejano: um lugar na Ecocrítica”. Através da análise de um *corpus* selecionado de cante alentejano, o texto procura estabelecer uma cartografia literária do Alentejo e estabelece laços entre voz, corpo e paisagem.

## Referências

Nayar, Pramod K. (2019). *Ecoprecarity. Vulnerable Lives in Literature and Culture*. New York and London: Routledge.

Slaymaker, William. "Echoing the Other(s): The Call of Global Green and Black African Responses." *PMLA* 116 (2001): 129-44.